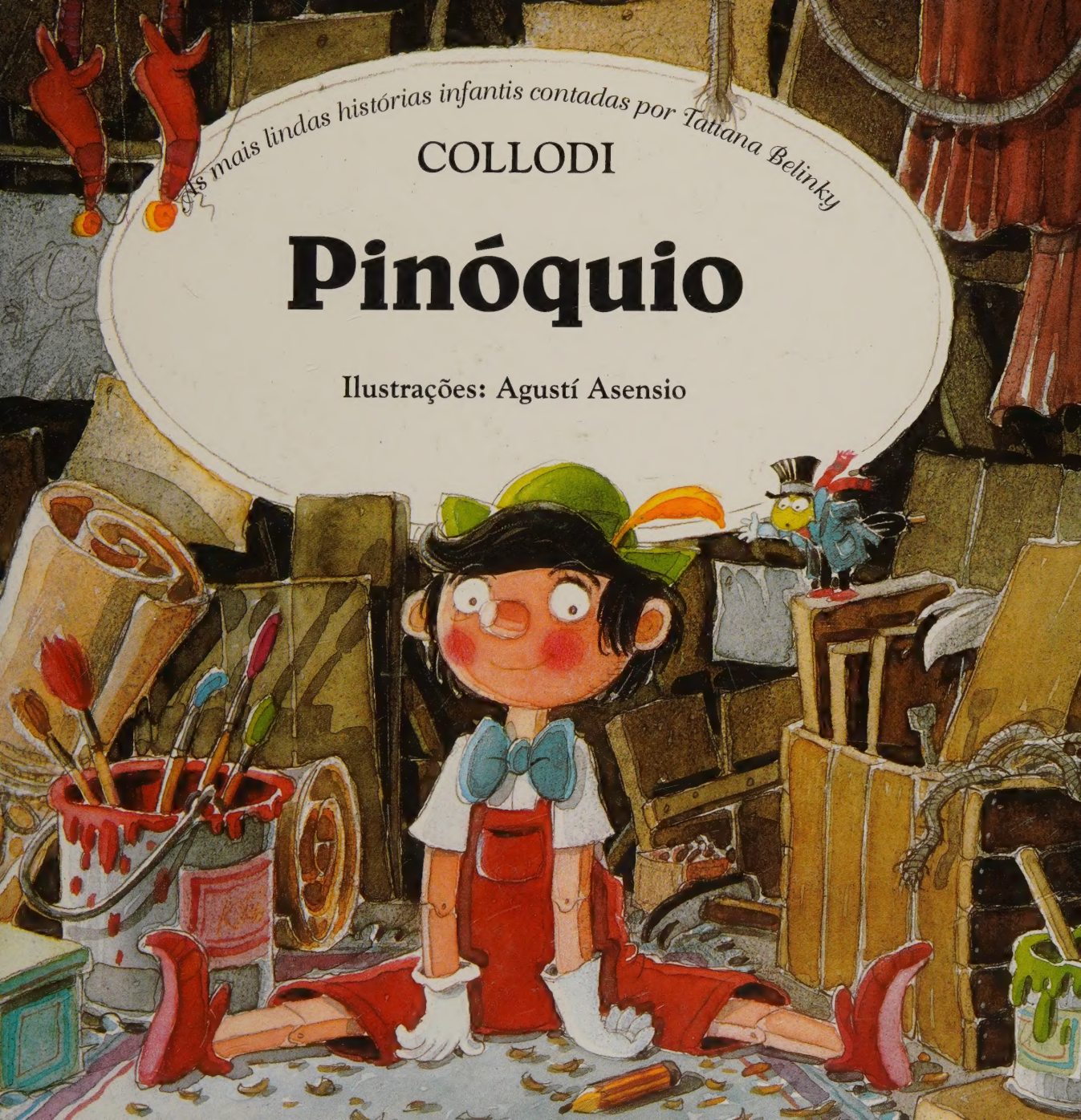
As mais lindas histórias infantis contadas por Tatiana Belinky

COLLODI

Pinóquio

Ilustrações: Agustí Asensio



Edição original © Parramón Ediciones, S.A., Barcelona, Espanha
Direitos mundiais reservados
Título do original espanhol: PINOCHO
A história de "Pinóquio", de Collodi, está contada neste livro, para as crianças brasileiras, por Tatiana Belinky.
Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, 1997, para o texto da presente edição

1ª edição
junho de 1997

Proibida a reprodução total ou parcial do texto ou das ilustrações desta obra, por qualquer meio ou sistema, sem autorização expressa do Editor.

Produção gráfica
Geraldo Alves
Paginação
Moacir Katsumi Matsusaki

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Collodi, Carlo, 1826-1890.
Pinóquio / Carlo Collodi ; adaptação Tatiana Belinky ; ilustrações Agustí Asensio. – São Paulo : Martins Fontes, 1997.

Título original: Pinocho.
ISBN 85-336-0646-X

1. Literatura infanto-juvenil I. Belinky, Tatiana. II. Asensio, Agustí. III. Título.

97-2015 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infanto-juvenil 028.5

Todos os direitos para o Brasil reservados à
Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330/340
01325-000 São Paulo SP Brasil
Tel. (011) 239-3677 Fax (011) 605-6867
e-mail: info@martinsfontes.com
http://www.martinsfontes.com

As mais lindas histórias infantis
contadas por Tatiana Belinky

COLLODI

Pinóquio

Ilustrações: Agustí Asensio

Martins Fontes
São Paulo 1997

Gepeto era um velhinho simpático, fabricante de bonecos de pau chamados marionetes, que vivia sozinho na sua casinha, tendo por companhia só um gato e um peixinho dourado. Ele gostava muito desses companheiros, mas não podia nem mesmo conversar com eles, que não respondiam, e por isso a vida de Gepeto era bem solitária...

Até que um dia, encontrando um pedaço de pau de boa qualidade, resolveu fazer um boneco especialmente caprichado, não para vender nem para dar, mas para ficar com ele só para si mesmo. O boneco ficou tão bonitinho, que Gepeto lhe deu um nome, Pinóquio. Era um nome engraçado, e combinava tão bem com o boneco, que Gepeto pensou: "Que bom seria se ele fosse um menino de verdade!"

O seu pensamento foi ouvido por uma fada, a bondosa fada Turquesa, que, com dó da solidão de Gepeto, aproveitou o sono do velho e, tocando Pinóquio com sua varinha de condão, falou:

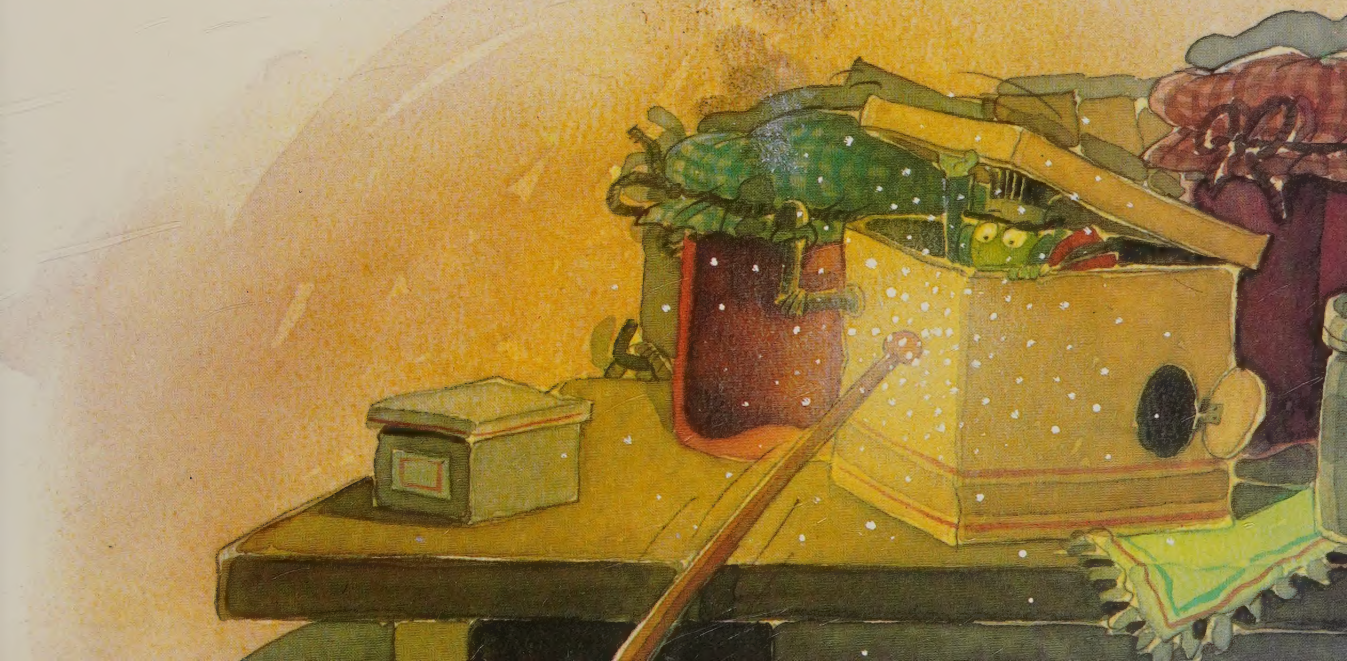
— Pinóquio, de agora em diante você vai poder andar e falar. Você continuará sendo um boneco, mas um boneco especial, que fará companhia ao velho Gepeto, como se fosse seu filho, bonzinho, carinhoso e obediente.

E, vendo um grilo verde que espiava debaixo da tampa de uma caixinha, tocou-o também com a sua varinha e disse:

— Grilinho, você vai ser a consciência de Pinóquio, viu? Vai acompanhá-lo e lhe dar bons conselhos, sempre que preciso.

Quando Gepeto acordou, ficou maravilhado!

— Que bom, que bom, agora tenho um filhinho!



No começo, tudo foi funcionando às mil maravilhas, e o velho Gepeto estava muito feliz. Mas, poucos dias depois, Pinóquio começou a pôr, como se diz, as manguinhas de fora: ficou desobediente, teimoso e levado demais, apesar dos conselhos do Grilo-Falante. E, pior que tudo, ele não queria ir à escola. Dizia que aprender a ler e a contar era bobagem, perda de tempo para brincar. Imaginem só!

O Grilo-Falante bem que o avisava:

— Você vai acabar um ignorantão! Vai acabar virando burro!

Mas Pinóquio não queria ouvir nada.

Quando chegou o inverno, o velho Gepeto chegou a vender seu próprio casaco para poder comprar agasalhos e livros para Pinóquio ir à escola. Este gesto até comoveu o coração de madeira do boneco — com ajuda do Grilo, na verdade. E Pinóquio, bem agasalhado e carregando seus livros novos, saiu para ir à escola, pensando consigo mesmo: "Como o Gepeto é bom para mim! Vou estudar bastante para ganhar dinheiro e comprar um casaco novo e até um fogareiro para ele se aquecer neste inverno!"

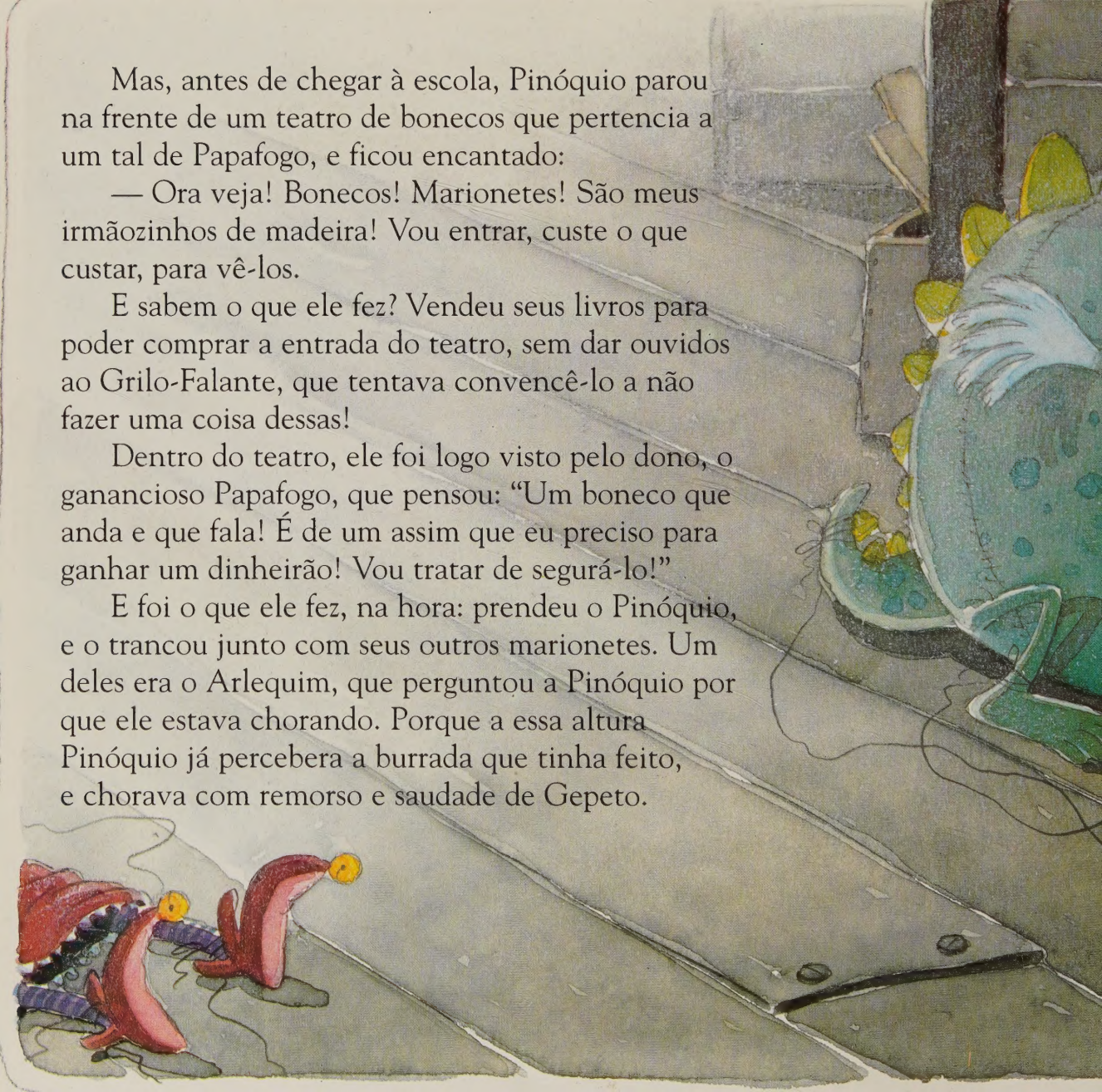
Mas, antes de chegar à escola, Pinóquio parou na frente de um teatro de bonecos que pertencia a um tal de Papafogo, e ficou encantado:

— Ora veja! Bonecos! Marionetes! São meus irmãozinhos de madeira! Vou entrar, custe o que custar, para vê-los.

E sabem o que ele fez? Vendeu seus livros para poder comprar a entrada do teatro, sem dar ouvidos ao Grilo-Falante, que tentava convencê-lo a não fazer uma coisa dessas!

Dentro do teatro, ele foi logo visto pelo dono, o ganancioso Papafogo, que pensou: "Um boneco que anda e que fala! É de um assim que eu preciso para ganhar um dinheirão! Vou tratar de segurá-lo!"

E foi o que ele fez, na hora: prendeu o Pinóquio, e o trancou junto com seus outros marionetes. Um deles era o Arlequim, que perguntou a Pinóquio por que ele estava chorando. Porque a essa altura Pinóquio já percebera a burrada que tinha feito, e chorava com remorso e saudade de Gepeto.



Chorando e soluçando, Pinóquio contou ao Arlequim toda a sua triste história:

— Fui um boneco ingrato, amigo Arlequim! Desobedeci ao meu pai Gepeto, que vendeu seu agasalho para me comprar livros, não escutei os conselhos do Grilo-Falante, fui muito mau!

Acontece que o dono do teatro, o barbudo Papafogo, ouviu a choradeira de Pinóquio, e, apesar de ganancioso, ficou sensibilizado pela tristeza do boneco. E não só libertou Pinóquio como também até lhe deu seis moedas de ouro, para ele comprar um casaco novo para o seu pai Gepeto.

Pinóquio saiu todo contente, mas, em vez de ir para casa, ou para a escola, ele teve outra idéia.

Pinóquio saiu andando e brincando com as moedas, fazendo-as tilintar e jogando-as para o ar, pensando em como ficar rico de repente. Mal sabia ele que, por detrás de uma cerca, estava sendo olhado e observado. E quem o observava eram dois malandros, uma raposa matreira e um gato não menos velhaco. Os dois estavam de olho nas moedas de Pinóquio, matutando sobre como apoderar-se delas!

E não era uma boa idéia! O que Pinóquio pensou foi num jeito qualquer de transformar suas seis moedas em sessenta, ou seiscentas, e, só depois de ficar muito rico, voltar para a casa de Gepeto!

Os dois dirigiram-se a Pinóquio com palavras amáveis, e o ingênuo boneco acabou por contar-lhes como conseguira as moedas e o que pretendia fazer com elas.

— Mas isto é fácil de conseguir! — disseram eles ao boneco. — É só você plantar suas moedas no campo dos milagres e, quando você voltar amanhã, encontrará uma linda árvore carregada de moedas de ouro! Siga-nos, e nós lhe mostraremos onde plantar sua árvore de moedas de ouro!

— O campo dos milagres fica logo ali — disseram os malandros, e mostraram um lugar qualquer ao tonto do Pinóquio, que "plantou" suas moedas e foi embora para voltar no dia seguinte.

E no dia seguinte, quando voltou àquele lugar, Pinóquio, como vocês já imaginaram, não encontrou árvore nenhuma. E tampouco os dois falsos amigos, que se mandaram com as suas seis moedas.

— Eu bem que o avisei sobre as más companhias! — disse o Grilo-Falante, aparecendo na neve.

Mas Pinóquio o enxotou, com raiva, pouco antes de cair desmaiado na neve, de fome e frio, e não se lembrar de mais nada.

Quando ele acordou, viu que estava na sua própria cama, com a boa fada Turquesa e o Grilo-Falante, atarefados em cuidar dele.

— O que foi que aconteceu? — perguntou Pinóquio.

— Você foi um boneco muito mau — disse a fada. — Foi tolo e desobediente, e entristeceu todo mundo, a mim, ao seu pai Gepeto e até ao Grilo-Falante, que não conseguiu fazê-lo criar juízo!

— Eu não fui mau não! — gritou Pinóquio. — É mentira deste grilo implicante! Eu fui um boneco muito bom!

E de repente Pinóquio viu que o seu pequeno nariz de madeira crescia, se esticava, se espichava, até parecer um galho de árvore!

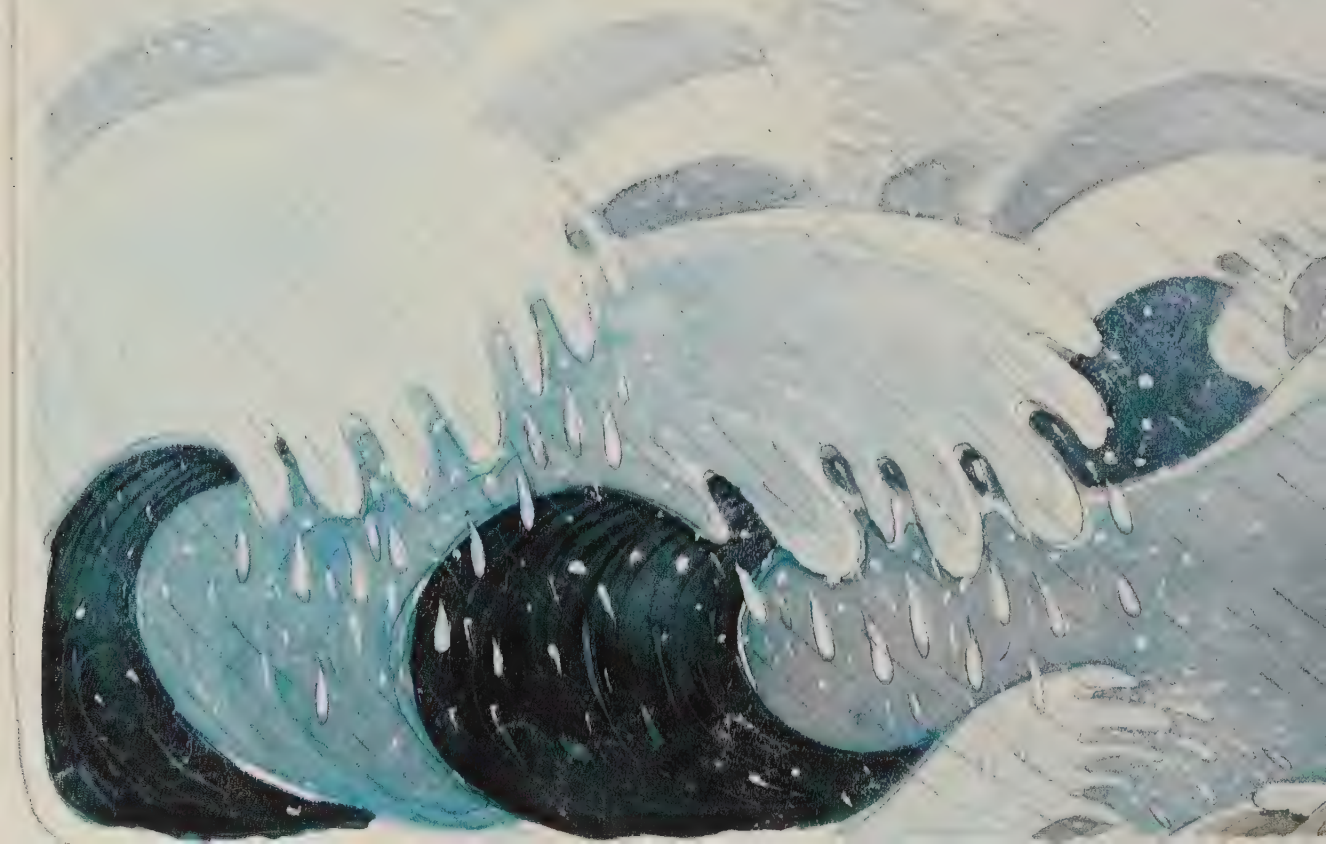
— Que horror! O que está acontecendo comigo? — gritou o boneco, assustado.

— O seu nariz cresceu, porque você mentiu! Sempre que você mentir, o seu nariz vai crescer — explicou a fada.

Pinóquio começou a chorar:

— Não faço mais, não minto mais! — prometeu ele.

— Está certo — disse a fada —, vou tentar acreditar em você. E vou lhe dar mais uma oportunidade de provar o que está dizendo. Você terá de sair à procura de seu pai Gepeto, que se perdeu no mar, quando, há dois dias, assustado com o seu sumiço, saiu desesperado à sua procura, numa canoa.



— Meu pai Gepeto se perdeu por minha causa! — chorou Pinóquio. — Grilo-Falante, venha comigo, ajude-me a encontrar meu pai Gepeto!

Mas, nem bem eles chegaram até o mar, que por sinal estava bem agitado, Pinóquio viu, puxada por vários burros, uma grande carroça cheia de meninos muito risonhos, alegres e barulhentos. Todos pareciam tão felizes da vida, que Pinóquio sentiu uma pontinha de inveja.

— Para onde vocês vão, tão contentes? — perguntou Pinóquio.

— Vamos para a terra dos brinquedos! — responderam os meninos. — É um lugar maravilhoso, lá ninguém precisa ir à escola, não precisa se comportar bem, lá só se brinca, se dorme e se comem guloseimas! Venha conosco!

— Não escute, não vá com eles! — falou o Grilo-Falante, preocupado. — Se você se deixar levar por eles, vai se arrepender!

— Cale a boca, Grilo intrometido — gritou Pinóquio, esquecendo suas boas intenções e a promessa feita à fada —, me deixe em paz, eu só quero me divertir um pouco, depois eu vou atrás de Gepeto!

E Pinóquio subiu na carroça e foi para o tal país dos brinquedos, que era de fato um lugar muito atraente, parecia um parque de diversões, som animado, doces e sorvetes, e sem obrigações de qualquer espécie. Era só brincar, comer e dormir!...

Até que certa manhã, quando Pinóquio, por acaso, olhou para um espelho, pôs as mãos na cabeça, de susto! Em vez das suas pequenas orelhas de madeira, apareceram dos lados da sua cabeça duas grandes e peludas orelhas de burro!

— O que é isto! — gritou Pinóquio, horrorizado.

E o dono da carroça respondeu, gargalhando:

— Acontece que você, e os outros preguiçosos e malcriados que vieram comigo, está virando burro, como merece quem não quer ir à escola! Agora você vai mas é puxar a minha carroça, para apanhar outros burros!

Pinóquio ficou tão apavorado, que saiu correndo à toda, sentindo que, enquanto corria, lhe crescia um rabo de burro, bem comprido, com o dono da carroça no seu encalço. De repente, ele chegou à beira de um abismo, debruçado sobre o mar revolto. E, com mais medo do dono da carroça do que da altura do rochedo, Pinóquio soltou um grito, ou melhor, um zurro, e, em desespero de causa, pulou!

Pinóquio-burro deu um verdadeiro salto mortal e despencou no mar, afundando, afundando... mas, como era feito de madeira, logo ele emergiu das ondas, com o Grilo-Falante agarrado às suas orelhas de burro. Orelhas estas que logo sumiram, junto com o rabo. Mas Pinóquio nem teve tempo de comemorar isto, quando, vupt! Foi engolido por uma gigantesca baleia!

O grande susto de Pinóquio foi logo substituído por uma grande alegria. E sabem por quê? Porque, dentro do bucho da baleia, todo instalado, estava ninguém mais senão o velho Gepeto!

O reencontro dos dois foi uma verdadeira festa! Pinóquio e Gepeto se abraçavam e se beijavam, chorando e rindo de felicidade!

— Papai Gepeto! Papaizinho! Que sorte tornar a vê-lo de novo! Eu não mereço... fui um boneco tão mau e tão tolo! Estou tão arrependido! Me perdoe, papai Gepeto!

— Tudo bem, está tudo bem, tudo é bom quando termina bem — dizia o velho Gepeto, beijando o seu filho de madeira —, não chore mais, Pinóquio! O que temos de fazer agora é tratar de sair daqui!

E, nem bem Gepeto acabou de dizer isto, a baleia, de repente, soltou um espirro, mas um espirro de baleia mesmo, tão violento, que ambos, Gepeto e Pinóquio, foram projetados para fora da goela do bicho, junto com o Grilo-Falante! E perderam os sentidos...

Quando Pinóquio despertou do desmaio, viu-se outra vez na sua cama, com Gepeto, a fada e o grilo olhando para ele, carinhosos, de um jeito estranho. Pinóquio levantou as mãos e quase desmaiou de novo, mas de alegria:

— Eu não sou mais boneco de pau! Eu sou um menino de verdade! — gritou ele, louco de alegria.

— Você passou por muitas provações, sofreu e se arrependeu, e agora merece ser um menino de verdade — disse a fada. — Mas cuidado com as mentiras, Pinóquio! Lembre-se de que o nariz cresce a cada mentira! Não se esqueça, Pinóquio!

E, daquele dia em diante, a vida de Gepeto e Pinóquio foi alegre e feliz. E até o Grilo-Falante voltou para o seu cantinho, sossegado!

Com seu reconhecido talento de contadora de histórias, a escritora Tatiana Belinky proporciona aos pequenos leitores de hoje esta deliciosa versão do inesquecível *Pinóquio* ilustrada pelo espanhol Agustí Asensio.

$2.49
Books-Children
Books-Orange - 1.8.206-20102
arc
P8-CFR-622

ISBN 85-336-0646-X
9 788533 606463

Martins Fontes